

Acompanhamento Terapêutico: considerando a 'rua' como suporte de enunciação na clínica das psicoses

João Fernando de Moraes Trois¹

¹ Centro Universitário Metodista do Sul, IPA. Porto Alegre, RS, Brasil.
E-mail: joaotrois@yahoo.com.br

Recebido em: 03 jan. 2019. Aceito em: 03 mar. 2019.
DOI: <http://dx.doi.org/10.21674/2448-0479.52.132-137>

Resumo

Este artigo é um ensaio sobre a prática do Acompanhante Terapêutico, em suas caminhadas pela cidade, compreendendo a rua como espaço clínico que possa favorecer a construção de condições de enunciações pedestres a seus acompanhados. Busca acompanhar a experiência da errância, na prática da deriva psicogeográfica realizada com sujeitos psicóticos, proposta no projeto de extensão "Isso mostra: Expressões do sujeito. Construindo enlazes sociais pela arte" realizado no Centro Universitário Metodista do Sul - IPA. Este projeto, relaciona as práticas de Acompanhamento Terapêutico ao trabalho em oficinas de criatividade, onde as trajetórias pela cidade transliteram-se em imagens e palavras escritas e desenhadas pelos sujeitos com diagnóstico de psicose. Considera-se que tais práticas permitam a seus participantes construir formas próprias de estar no mundo em situação, em relação, possibilitado um suporte expressivo para si mesmo e para o endereçamento aos seus outros, proporcionando-lhe reconhecer-se num laço social possível.

Palavras-chave: Acompanhamento terapêutico. Clínica. Psicose. Psicanálise.

Abstract

Therapeutic Accompaniment: considering the 'street' as support of enunciation in the clinic of psychoses.

This article is an essay on the practice of the Therapeutic Accompanist, in his walks through the city, understanding the street as a clinical space that can favor the construction of conditions of pedestrian enunciations to his companions. It seeks to follow the experience of the wandering, in the practice of the psychogeographic drift performed with psychotic subjects, proposed in the extension project «This shows: Expressions of the subject. This project relates the practices of Therapeutic Accompaniment to work in workshops of creativity, where the trajectories through the city transliterate themselves in images and words written and drawn by the subjects with It is considered that such practices allow their participants to construct their own ways of being in the world in a situation, in relation to it, made possible an expressive support for oneself and for addressing to others, allowing them to recognize themselves in a social bond possible.

Keywords: Therapeutic Accompaniment. Clinical. Psychosis. Psychoanalysis.

Introdução

Sabemos que o Acompanhamento Terapêutico pode ser pensado como uma prática clínica a céu aberto ou como uma “clínica em movimento” (PALOMBINI, 2004) para além das paredes do consultório. Talvez pudéssemos pensá-lo, também, como uma clínica da deriva (DEBORD, 2003), junto com os artistas situacionistas, que se dedicaram a pensar a criação comum de ambientes lúdicos eleitos para deriva e seus exercícios psicogeográficos¹ pela cidade, através das situações construídas e da prática do inesperado e do espontâneo que ela implica.

Gostaríamos de propor o exercício de pensarmos o Acompanhamento Terapêutico como um espaço clínico que tem a ‘rua’ como lugar de enunciação² (BENVENISTE, 1989) e seus cenários de apropriações, transformações e intervenções sujeitas a permanentes ressignificações.

Para tal, estaremos nos apoiando nas reflexões de Michel De Certeau (1994) em sua obra “A invenção do cotidiano” ao pensar o conceito de espaço como sendo a forma particular de articulação do lugar. Ou seja, o espaço como um lugar habitado por uma experiência relativa a um sujeito, pedestre, falante, ser de linguagem.

Assim, podemos dizer que o espaço clínico produzido pela prática do Acompanhamento Terapêutico, transforma a rua como lugar, em espaço humano significado, vivenciado pela experiência produtora de sentido (enquanto significação e vetor) de um sujeito em sua forma de significar. O espaço como produto da própria experiência de deslocamento pela cidade. Experimentação que transforma os lugares da rua, da cidade, num espaço próprio, habitado, vivido.

O Acompanhamento Terapêutico seria, então, esta prática do espaço vivenciado que permite ao sujeito articular e transformar determinados elementos do lugar produzindo uma forma própria de significação da experiência, visando transformar os lugares em espaços de vida.

Neste sentido, o ato de caminhar pela cidade estaria para o Acompanhamento Terapêutico assim como o ato de falar estaria para a sessão de psicanálise. Práticas do espaço habitado no primeiro, relatos (enunciações) do espaço habitado no segundo. Ambos, atos construtores de narrativas que dão existência a cenários e personagens. Ambos, implicando um sujeito que é efeito de um percurso próprio, de uma travessia pela linguagem. Uma fala dos passos em enunciação pedestre, para dizer com Michel De Certeau (1994).

Nos relatos do espaço, a descrição de um lugar (de enunciação) conecta os fragmentos dispersos do passado numa narrativa ao se constituírem no espaço de fala em uma análise. Os enunciados seguem o percurso de um dizer, sustentado por uma enunciação. O bairro destruído da infância é reconstruído (ressignificado) narrativamente. Relatos relacionam cheiros e barulhos da casa que antes coexistiam sem articulação, formando poéticas do espaço, na feliz expressão de Bachelard (1993).

Nas práticas do espaço, as enunciações pedestres no Acompanhamento Terapêutico, articulam elementos dispersos da rua num espaço vivenciado de diversas formas, em diferentes camadas de significados relacionais, humanos. Teia de significados construídos nas relações estabelecidas entre os pontos de um percurso. Desenhos nas calçadas, deixados ao passar. Da calçada de minha casa a fruteira da esquina, entre um café e a livraria, inventa-se o cotidiano.

O Acompanhante Terapêutico transforma a caminhada pela cidade, com seu acompanhado, num texto a ser lido, dotado de significação. Um texto que não é somente seu. É escrito a duas mãos, a quatro pés. Uma significação construída em transferência, na decifração do espaço urbano em um sentido que se oferece a leitura. Homóloga à relação de transferência na análise, enquanto operação que a palavra efetua no sujeito. À medida que caminhamos podemos lê-lo. E à medida que lemos escrevemos. Podemos nos perguntar a qual mensagem remete seu percurso, à qual gramática remetem o texto urbano que se escreve ao caminhar? Suas escolhas, suas pausas, sua direção.

O Acompanhante Terapêutico não olha a cena sem participar dela, sem estar colocado nela. Ele também é um pedestre, um praticante, um participante. Está imerso na cidade. Olha a cidade do interior. Vive a

¹ Psicogeografia: “estudo das leis exatas e dos efeitos precisos do meio geográfico, planejado conscientemente ou não, que agem diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos” (BERENSTEIN, 2003, p.39).

² “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1989, p. 82). Seguindo os passos de De Certeau (1994), neste caso, a fala estaria para a língua assim como o caminhar estaria para o espaço urbano. A relação do locutor com a língua esta, no primeiro, e a relação do pedestre com a cidade, no segundo, assim como o sentido se forma nas palavras e se vetoriza no espaço.

cidade junto com seu acompanhado. Acompanhando seu ato de “por em comum palavras e pensamentos” (DARDOT; LAVAL, 2017, p. 26). Mas descrever tal cena de dentro exige a capacidade de produzir um estranhamento, uma distância, um êtímo³ (LACAN, 2008). Neste gesto, excluído internamente, por um átimo de tempo, de escritor torna-se leitor (escriba), olha de fora, mas implicado na cena, deixando-se surpreender pela experiência. Num segundo momento, num tempo só depois, poderá narrar suas impressões, ser capaz de objetivá-las em um discurso. E acompanhando o percurso de seu acompanhado, testemunhar sua trajetória de vida pela cidade, em transferência.

A que práticas do espaço esta clínica estaria circunscrita? Quais práticas do espaço seriam determinantes da vida social implicadas neste processo? Os espaços disciplinares, os espaços estranhos, os espaços familiares, os espaços vividos, os espaços evitados. Os “ex-passos”, os passos não dados, os passos a serem realizados. Os passos perdidos, desconstruídos, reencontrados. Percursos acidentados, abandonados, retomados, reinventados. Espaço marcado por trajetórias singulares, moldadas por passos e impasses.

Marcas do que passou ou do que não passa. Todos compõem esta clínica do espaço que o Acompanhamento Terapêutico permite construir. A fala dos passos dados inscreve suas marcas no ‘campo’ da cidade. Resta-nos o desafio de acompanharmos seus ditos, seus não ditos, seus interditos.

Acompanhar a errância: o Acompanhamento Terapêutico na clínica das psicoses

O Acompanhamento Terapêutico no campo da saúde mental vem reinventando suas práticas de intervenção orientadas por estratégias de inclusão e humanização da “loucura”. Deslocando a perspectiva adaptativa inicial para uma perspectiva interventiva inventiva que considera o sujeito psicótico em sua condição singular e criativa de estabelecer suas formas de enlaçamento social e de estar no mundo.

Desta forma, o Acompanhante Terapêutico intervém na criação de outras maneiras de experimentar a vida, ao sustentar um espaço de criação aos sujeitos psicóticos, exercitando sua forma própria de estar no mundo, testemunhando a produção de um endereçamento de suas formas expressivas. Escutar sua condição de sujeitos ao invés de considerá-los como deficitários, respeitar seu estilo singular de estar na linguagem, reconhecendo sua modalidade própria de estabelecer vínculo com o outro e experimentar a vida.

Com tal objetivo de acompanhar a experiência da errância, na prática da deriva psicogeográfica realizada com sujeitos psicóticos, propomos o projeto de extensão “Isso mostra: Expressões do sujeito. Construindo enlances sociais pela arte”⁴. Neste projeto, relacionamos as práticas de Acompanhamento Terapêutico ao trabalho em oficinas de criatividade, onde as trajetórias pela cidade transliteram-se em imagens e palavras escritas e desenhadas nas oficinas.

Tais experimentações com a linguagem visam à possibilidade de outra geografia discursiva que favoreça a construção de percursos próprios de expressividade. Um espaço que permita formas próprias de delimitação de um lugar que possibilite a seus participantes tomar a palavra para construir as condições necessárias para tecerem seus suportes de enunciação, em sua singularidade de sujeitos falantes.

Uma das características dos participantes das oficinas é a de estarem tomados numa posição de objeto de cuidados, pesquisas, e ações, engessados em algum ideal normativo ou “curativo”. A própria forma de participação nas atividades realizadas em seus locais de convivência se mostra muito marcada pelo signo da doença, tanto do ponto de vista médico quanto pela modalidade tutelar adotada pelos familiares que dela participam.

Repete-se aqui o paradoxo da construção de espaços que se definem a partir de suas intensões de inclusão social, mas acabam delimitando lugares de exclusão, onde os nomes próprios ficam a sombra do

³ “Êtímo é neologismo criado por Jacques Lacan para indicar algo do sujeito que lhe é mais íntimo, mas que está fora, no exterior. (...) O sujeito ex-siste, nos dirá Lacan. Existe primeiro fora, no discurso do Outro. O Outro aparece, então, como o êtímo do sujeito”. (SEGANFREDO e CHATELARD, 2014, sem paginação)

⁴ Projeto de extensão e ação comunitária do Centro Universitário Metodista, do IPA, realizado junto à AGAFAPE – Associação Gaúcha de Familiares de Pacientes Esquizofrênicos, que conta com estagiários do Serviço Escola de Psicologia do curso de psicologia do IPA e tem como propósito o trabalho em oficinas criativas com pacientes esquizofrênicos, visando o reestabelecimento do enlaçamento social e simbólico na psicose via criação artística. Os participantes do Projeto assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, concedendo a utilização dos dados e produções para fins acadêmicos, tais como, publicações em formato de artigo, respeitando os ditames éticos do anonimato.

signo da doença: “Esquizofrênicos”. Apagamento que retorna estranhamente e que os assombra, na melhor tradição ou tradução do *Unheimlich* freudiano⁵. Algo que lhes retorna como estranhamente familiar: a doença invadindo a vida.

Essa posição de inclusão/exclusão que lhes é endereçada no discurso social trás o risco de reforçar uma condição subjetiva de aprisionamento no discurso do Outro⁶ do qual demonstram ter dificuldade de se desprenderem para constituir para si um lugar de fala.

Surge, assim, a ideia de realizarmos as oficinas, onde fosse possível outra geografia discursiva que favorecesse a construção de percursos próprios de expressividade. As oficinas passam, então, a acontecer relacionadas ao Acompanhamento Terapêutico.

Ambas as práticas, a da escrita nas oficinas e a da caminhada pela cidade, sendo acompanhadas pelo ofício dosicineiros (estagiários de psicologia), passando a integrar o processo da escrita, tendo como objetivo enlaçar a experiência do deslocamento pela cidade numa espécie de sistema de escrita, onde a prática de um espaço vivenciado permita ao sujeito articular e transformar determinados elementos do lugar, produzindo formas próprias de significação da experiência, ou seja, uma prática que transforme os lugares em espaços de vida.

Ao acompanhá-los, neste deslocamento, em suas conversas, testemunhamos a transformação da cidade em personagem, incluída nas falas mais ou menos delirantes de nossos pedestres.

Tais conversas surreais, entabuladas nesta trajetória pela cidade feita, a pé e/ou de ônibus, entre as margens das calçadas, nos evocou muitas vezes as palavras de Broch (1992, p. 127) ao descrever a cena do capítulo “Anna Livia Plurabelle”, do livro *Finnegans Wake*, de James Joyce, em que duas lavadeiras encontram-se nas margens do rio Liffey focando sobre a heroína da história.

Sua conversa transcorre ao ritmo do trabalho, do esforço físico, suas conversas são as próprias roupas, elas lavam a roupa suja da cidade. Mas então escurece, a névoa cai, a conversa fica mais descuidada, os movimentos das lavadeiras ficam mais descuidados, o rio, na névoa baixa, fica cada vez mais largo, seu murmurar fica cada vez mais audível, o murmurar do rio penetra nas conversas, pois nada é descrito, tudo se origina na e da conversa das lavadeiras, e quando então não há mais lavadeiras, porém seres de fábula, uma transformada num caule de um arbusto da beira do rio, a outra numa rocha, as duas enxaguadas pelas ondas crescentes, e finalmente a sua língua é apenas o murmurar do rio, incompreensível a qualquer ouvinte, incompreensível a elas mesmas, música da água, concebidas como ser humano, que quase não é mais palavra.

Um dos participantes da oficina, ao chegar pela primeira vez ao local onde realizamos as oficinas, passa a enxergar literalmente o lugar onde viveu parte importante de sua vida, antes da crise. Ele reconhecia, em determinados locais do campus e depois em objetos da sala, elementos da fábrica de fertilizantes onde trabalhou com seu pai, em sua terra natal. Eufórico, repete insistentemente a descrição do local como se estivesse nos apresentando a fábrica.

Na sala pega uma caixa de lápis carvão e passa a desenhar e escrever este momento de sua história que lhe retorna de forma delirante. Na medida em que escreve vai se acalmando, como se realiza-se um processo de transliteração de sua realidade delirante para o papel. Transferindo um sistema de escrita em outro. O próprio material que utiliza para sua escrita – o carvão – articula-se com a matéria produzida em ‘sua’ fábrica – o carvão vegetal.

Vinícius⁷ nos chamava para mostrar sua produção, lia em voz alta o que escreveu e perguntava. Entendeu? Passando a escrever novamente uma versão explicativa da história. Desta vez escrevendo ao lado, entre parênteses, ‘explicação’. Incluindo nesta versão que a fábrica não está à venda. Entendeu?!

Oswaldo diz ter dificuldade para escrever. Tem que se esforçar para pensar. “É muito cansativo” (sic). Escolhe uma caneta vermelha. Desenha um retângulo com alguns pontos distribuídos espacialmente no interior do mesmo. Escreve ao lado: A Rolha.

⁵ Freud (1919/1996) “Das Unheimliche”.

⁶ A experiência com os participantes do Projeto de extensão aqui referido tem confirmado a hipótese de que o psicótico encontra-se preso na linguagem, hipostasiado no discurso do Outro materno, do qual tem dificuldade em se desprender para constituir para si um lugar de fala.

⁷ Os nomes dos participantes aqui referidos são fictícios.

A cima do desenho escreve duas frases:

“A rolha que tampa a minha vida de sempre como não vi igual.”

“A rolha de minha vida, que tampa a minha vida que tenho na lembrança.”

Em outra folha escreve:

“O passado é o que foi escrito, o presente é a gestão, o futuro é que vai pensar”.

Não acompanhamos os pormenores da história de vida de Osvaldo nem de Vinícius, mas talvez seja possível supor que suas produções digam algo de fragmentos não integrados de sua história. Restos de elementos não semantizados do delírio, que subvertem a língua, e que possam ganhar expressividade via processo criativo com a linguagem, criando com isso as condições de possibilidade para tecer na língua seu suporte de enunciação.

Para seguir tal hipótese, seria preciso acompanharmos nas oficinas, o tempo necessário para gestação de uma experiência possível junto a este processo de criação, até que se constitua a possibilidade de um suporte expressivo para seus autores (sujeitos) no endereçamento a outros (seus possíveis leitores), proporcionando-lhe reconhecer-se num laço social possível, onde seu fazer com a língua possa ganhar expressividade.

Outra hipótese que surge da vivência nas e com as oficinas, é a de que o papel como suporte de inscrição, possa adquirir o estatuto de uma superfície de escrita que faça mediação e metaforize a pele como suporte de inscrição do corpo na linguagem. Produzindo diferenciação com o campo do Outro.

Percebo que Livia se angustia diante do papel. Treme levemente. Quase chora. Me aproximo, coloco levemente minhas mãos nos seus braços e lhe pergunto com calma: ‘o que houve?’ Estou com medo, me diz. Onde está minha mãe? Digo a ela que não se preocupe que sua mãe estaria lhe esperando ao final da oficina. Pega um carvão e passa sobre toda folha de papel, cobrindo-a de preto. Depois coloca sua mão em cima da folha de papel, produzindo um efeito de marca digital em branco ao retirá-la. Como pensar este gesto? Seria um apagamento da ausência da mãe? A folha estaria ocupando a função de suporte material que dá unidade a esta experiência de separação, em decalque do corpo materno? De quem é essa mão? Seria um traço que marca a separação do corpo da mãe? O carretel freudiano?

Lembro-me do texto da escritora portuguesa, Maria Gabriela Llansol, para quem escrever é visceralidade. Mediação e passagem de um Ele exterior a um eu inscrito. Possibilidade de inscrever-se como sujeito ao escrever (LLANSOL, 1998).

Ronaldo faz questão de me trazer suas ‘metáforas’, como as nomeia, escritas por ele pouco antes de sua crise. Numa delas, tenta dizer o silêncio em que se encontrava, intitulada “O lado oculto do silêncio”.

“O silêncio fala com beleza. Se não escuto, um dia escutarei, se não entendo um dia entenderei. (...) Observo o mudo e o surdo e concluo que existe magnitude de expressão enquanto eles se comunicam através de gestos. (...) Um dia escutaremos o que nos dizem, um dia desvendaremos sem que nos falem, os mistérios que o silêncio oculta.”

Pouco tempo depois este silêncio veio a falar palavras que só ele (Ronaldo) escutava.

Esta voz que faz ecoar os fragmentos Giacomo Joyce (JOYCE, [1968]1985, p.36), onde o eu e o Outro se confundem:

Minha voz, morrendo nos ecos de suas palavras, morre como a voz exaustiva do Eterno chamando Abraão através dos ecos das colinas. Ela se encosta contra a parede acolchoada: feições de odalisca no escuro luxúria. Seus olhos beberam meus pensamentos: e dentro da úmida morna submissa escuridão convidativa da sua feminilidade minha alma, também se dissolvendo, derramou e verteu e transbordou uma semente líquida e abundante Agora coma-a quem quiser!

Ronaldo não conseguiu mais escrever suas metáforas, mas guarda consigo aquelas que um dia escreveu. Busca um leitor. Alguém que escute o que seu silêncio diz. Uma abertura. Um equívoco possível onde surja “Um leitor do lado oculto do silêncio”, para que não morra nos ecos das palavras e possa descobrir e criar novas formas de expressividade.

As oficinas de escrita inventiva associadas à prática do Acompanhamento Terapêutico sustentam esta possibilidade de construção de um espaço de criação aos sujeitos psicóticos, exercitando sua forma própria de estar no mundo. Testemunham e reconhecem a produção de um possível endereçamento para suas formas expressivas. Apostam em sua singularidade expressiva, ao invés de considerá-los como deficitários,

e respeitam seu estilo próprio de ser e estar na linguagem, reconhecendo sua modalidade de estabelecer vínculo com o outro e experimentar a vida.

Sustentamos, assim, que a prática do Acompanhante Terapêutico na clínica das psicoses, em suas caminhadas pela cidade, pode favorecer a construção de condições de enunciação pedestres a seus acompanhados. Uma forma própria de estar no mundo em situação, em relação, possibilitado um suporte expressivo para si mesmo e para o endereçamento aos seus outros, proporcionando-lhe reconhecer-se num laço social possível.

Produzir o espaço de um percurso que possa reinventar no cotidiano aquilo que faz andar.

Se não se pode contar os passos que se inscrevem no chão ao passar;

Se não se pode contar o que os pássaros inscrevem no espaço ao voar;

Se não se pode contar às nuvens que insistem em se dissipar;

Se não se pode contar o tempo que se realiza ao passar;

Se não se pode contar o vento que o corpo há de recordar;

Se não se pode contar à trajetória que não se deixa captar;

Se não se pode contar às palavras que existem ao enunciar;

Ainda assim é possível contar o que não se pode contar.

E ao contar, contar-se e inserir-se numa série possível ao reconhecer-se em seu ato, como sujeito, nos efeitos de seu dizer.

Referências

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. In: **Problemas de Linguística Geral II**. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1989.

BROCH, H. A atualidade de James Joyce. In: **Riverrun: ensaios sobre James Joyce** (org.) Nestrovski, A. Biblioteca Pierre Menard. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992.

BERENSTEIN, J. (Org.) **Apologia da deriva: escritos situacionistas**. Sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: I. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008.

DEBORD, G. Teoria da deriva. In: BERENSTEIN, J. (Org.) **Apologia da deriva: escritos situacionistas. Sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2017.

FREUD, S. **O estranho**. (1919). Obras completas, ESB, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

JOYCE, J. **Finnegans Wake / Finnicius Revém**. Capítulo I. Tradutor: Donaldo Schüler. Ateliê Editorial: SP / Casa de Cultura Guimarães Rosa: POA/RS, 1999.

JOYCE, J. **Giacomo Joyce**. Brasiliense: São Paulo, 1985.

LACAN, J. (1968-69). **O seminário, livro 16: de um Outro ao outro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LLANSOL, M.G. **Um falcão no punho**. 2. ed. Lisboa: Relógio d'Água, [1985] 1998.

PALOMBINI, A. (et al). **Acompanhamento terapêutico na rede pública: a clínica em movimento**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

QUINET, A. **Os outros em Lacan**. Col. Passo-a-Passo. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SEGANFREDO, G. de F. C.; CHATELARD, D. S. Das Ding: o mais primitivo dos êxtimos. **Cad. psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 30, p. 61-70, jun. 2014. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo>>. Acesso em 24 dez. 2018.